

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

VISIBILIDADES DO TRABALHO DA MULHER RURAL NA REDE SOCIAL VIRTUAL FACEBOOK¹ VISIBILITY OF RURAL WOMEN'S WORK ON FACEBOOK

Naira Letícia Giongo Mendes Pinheiro², Maria Simone Vione Schwengber³

¹ Recorte da Dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências (Unijuí).

² Mestra em Educação nas Ciências, Professora da rede pública municipal de Panambi.

³ Doutora em Educação, Professora do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências (Mestrado e Doutorado) - UNIJUI

Resumo

O presente artigo tem por objetivo descrever a experiência de mulheres de assentamentos rurais do município de Jóia-RS/BR na rede social virtual Facebook. Para isso, realizamos entrevistas e capturamos *PrintScreens*, com uma metodologia qualitativa, tomando as narrativas a partir das ferramentas conceituais de análise de discurso desenvolvidas por Foucault (2010). A partir das análises feitas, constatou-se que uma das principais memórias publicadas pelas mulheres pesquisadas dizem respeito ao seu trabalho na agricultura. Dessa forma, observamos que, por meio do acesso e interpretação das ferramentas que o Facebook proporciona, muitas acabam dando visibilidade ao que produzem, criam, aprendem através da rede social. Por fim, analisamos que a experiência com o uso da rede social virtual Facebook, orientadas para uma outra lógica, que movimentam e animam as mulheres a fotografarem e de imediato publicarem, faz com que produzam memórias do tempo presente, que passam a dialogar com uma tendência contemporânea.

Abstract

This article aims to describe the experience of women from rural settlements in Joia-RS/BR on Facebook. For this reason, we carried out interviews and took *screenshots*, in a qualitative methodology, taking narratives from the conceptual tools of discourse analysis developed by Foucault (2010). From analyses done, we noticed that one of the main memories published by the participants was related to their work on agriculture. This way, we observe that many women end up giving visibility to what they produce, create, and learn on Facebook, through the access and interpretation of tools provided by that social network. Finally, we analyzed that the experience of using Facebook - guided by another logic, which moves and motivates women to take pictures and publish them immediately - makes them produce memories of the present time that end up in a dialogue with a contemporaneous trend.

Palavras-chave: Agricultura; Facebook; Mulheres.

Keywords: Agriculture; Facebook; Women.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Introdução

Partimos da premissa de que o acesso à Internet e o uso da rede social virtual *Facebook* ganharam significativo espaço na rotina das mulheres dos assentamentos da Reforma Agrária do município de Jóia/RS. Tomamos as redes sociais, em especial a rede social *Facebook* como um lugar de relações sociais, de comunicação, de interação, de entretenimento, de aprendizagens, de memória. Tratamos a rede social virtual *Facebook* como num dos suportes de memória. A Internet nos possibilita pensar que muda (mudou) a forma como nos relacionamos com a memória. A construção de memórias e a reprodução das existentes que adentram a Internet fizeram surgir uma nova memória, nomeada memória do presente.

A memória, a partir das tecnologias digitais, da Internet e das redes sociais virtuais, tem características específicas. Ela é efêmera e imediata, e permite registrar acontecimentos vividos e narrados ao mesmo tempo (HENRIQUES, 2014). Como extratos de vida, sensação de fatos vividos e vestígios, a memória passa a ser preservada, muitas vezes inconscientemente, a partir do momento em que é postada e compartilhada com o rol de amigos da rede social. Essa memória do presente que abordo qualifica o uso da rede social a partir do momento em que as mulheres transformam a sua página pessoal em um arquivo digital de memórias, seja de fotos pessoais, da família, de amigos, do trabalho, do lazer e de outras atividades. São esses rastros que os usuários deixam na rede social virtual *Facebook* que a transformam em um suporte de memórias.

Metodologia

Esta pesquisa foi realizada no município de Jóia/RS, nos Assentamentos Rondinha, Assentamento Ceres e Reassentamento Novo Amanhecer, localizados a 35 km, 7 km e 15 km da sede do município respectivamente. Primeiramente fizemos um levantamento das mulheres que possuem conta na rede social virtual *Facebook* para participação na pesquisa. Após realizamos uma visita a elas, ocasião que procedemos a uma entrevista semiestruturada. Após a entrevista, a transcrevemos na íntegra e a compilação das informações em ficha catalográfica. Usamos também de PrintScreen da rede social virtual *Facebook* para a produção de imagens das publicações.

A escolha das participantes também teve como critério a idade. A escolha neste estudo se pautou em mulheres com idade superior a 25 anos e sem idade limite, a faixa etária que corresponde a imigrantes virtuais. Para a produção dos dados, como já informado, tomo como ponto teórico-metodológico a netnografia; para a análise dos dados, a análise do discurso de Michel Foucault (2010).

A netnografia é um método considerado novo e foi criado, inicialmente, com o objetivo de compreender o comportamento de consumidores *on-line*. Com a necessidade de lançar mão de técnicas e de métodos de pesquisa tradicionais em um ambiente eletrônico, adaptando as técnicas e os métodos, é que a netnografia foi se desenvolvendo. A própria denominação demonstra sua relação com a etnografia por tentar estudar os grupos e as culturas *on-line*. Kozinets (2014) considera a metodologia qualitativa, e dá importância ao comprometimento e envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo. Em suma, os procedimentos desta metodologia consistem

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

em acessar à rede, coletar os dados, analisar e interpretar, e validar com os membros pesquisados.

Para além da netnografia, tomo as entrevistas semiestruturadas e as publicações na rede social virtual *Facebook* como práticas discursivas e produtos de linguagem e de processo histórico. Para Foucault (2010) os discursos são recursos de ditos, discurso possível, porque determinados discursos são aceitos como verdadeiros e não outros em seu lugar.

Resultados e discussões

Existem, no meio rural brasileiro, dois extremos que configuram as desigualdades do acesso à terra: os grandes latifundiários e as pequenas propriedades. Não obstante, é esse contraste entre os latifundiários e as pequenas propriedades e que mostra as maiores desigualdades deste país. A riqueza de terras, por consequência da má distribuição, não é suficiente para que boa parte da população do campo viva em condições que favoreçam seu desenvolvimento e, consequentemente, o desenvolvimento do país.

Consideramos que o rural absorveu muitas tecnologias digitais, mas não perdeu suas características. Mesmo com os atuais graus de homogeneização de tecnologias digitais, processos de produção e comercialização, provocados pelos processos de globalização, “as representações sociais dos espaços rurais e urbanos reiteram diferenças significativas que têm repercussão direta sobre as identidades sociais, os direitos e as posições sociais dos indivíduos e grupos, tanto no campo quanto na cidade” (WANDERLEY, 2001, p. 33).

Os laços sociais que as mulheres pesquisadas criaram durante os anos de acampamentos^[1] e os laços com familiares que também foram assentados seguem após o estabelecimento dos lotes. As dificuldades para produzir, comercializar, construir tanto as moradias quanto as escolas e demais estruturas comunitárias fazem com que grupos de assentadas lutem por bens comuns e melhores condições em conjunto. Nessa luta, as redes sociais de vizinhança e de solidariedade foram se solidificando. Hoje essas redes sociais, se ampliam e as vezes dão lugar as redes sociais virtuais, como o caso do *Facebook*.

Percebemos que existe uma nova configuração de vida no meio rural relacionada às tecnologias digitais. São as empresas especializadas no ramo das telecomunicações e Internet que levam o serviço e comercializam os pontos de acesso com os moradores. Parece que esse serviço trouxe novas possibilidades. Para pensar o acesso, não necessariamente precisamos pensar em computadores, há telefones móveis e *tablets*, cada vez mais sofisticados, pelos quais se acessa à rede.

Notamos também o uso das redes sociais virtuais, em especial a rede social virtual *Facebook*, como um suporte de memórias. A partir disso, parece-nos que é possível pensar o conceito de memória com as mudanças da tecnificação. Nora (1993, p. 13), no mesmo sentido de Sá (2007), afirma que “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios, produzir atas, porque essas operações não são naturais”. A esse respeito, penso que a rede social virtual *Facebook*, hoje, é um dos repositórios de registros sistemáticos do cotidiano memorial.

Visto que as tecnologias digitais afetam a natureza dos nossos processos de recordação. O que antes era rememorado por meio do baú de recordações, do álbum de fotografias, dos filmes em videocassete assumiram novo formato a partir dos objetos digitais em um aparato de múltiplas dimensões, como de áudio, vídeo, fotografias e textos. Sá (2007, p. 1.430) lembra que o “arquivo pessoal ganha vantagem em função do acesso, da visibilidade e do alcance”. A imagem publicizada é a tentativa de materializar as ideias narrativas, e a memória humana passa a contar com o auxílio dos suportes virtuais.

De acordo com isso, observamos que as mulheres rurais do município de Jóia/RS, estão publicizando imagens do seu cotidiano. Do volume de postagens destacam-se as relações do trabalho com relação ao meio rural e ao mundo do trabalho, sendo ele na agricultura ou nas atividades domésticas, buscando conhecer/compreender suas práticas econômicas e sociais. Na sociedade contemporânea, as redes sociais virtuais, como o *Facebook*, são dispositivos discursivos pelos quais é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento, e é assim que tomamos essas publicações. É ela, em grande medida, que formata a historicidade, nos atravessa e nos constitui, modelando identidades históricas que nos ligam ao passado e ao presente.

Já o trabalho é caracterizado como central para a manutenção da vida dessa geração de mulheres e muito dignificante para elas que lutaram para conseguir um pedaço de terra e produzir ali seu alimento e, do excedente, tirar o sustento da família. Constatamos que a grande maioria das mulheres envolvidas neste estudo trabalham muitas horas por dia, incluindo os finais de semana. É na unidade de produção familiar que as mulheres estão inseridas e são orientadas para a produção e consecução de bens a fim de satisfazer as necessidades dos demais membros do grupo familiar. É de longa data a hierarquização do trabalho nesta unidade; hierarquização esta em que o trabalho dos homens geralmente vale mais do que o das mulheres, situação que as coloca com menor possibilidade de desenvolvimento e reconhecimento.

O trabalho de homens e mulheres no meio rural estudado, no entanto, vai ao encontro do que autores tratam como divisão generificada do trabalho (TEDESCHI, 2013; HIRATA, KERGOAT, 2007). Historicamente, atividades leves, do lar e pesadas acabam por definir quem é responsável pela execução, ou seja, algumas são próprias do homem e outras próprias da mulher. Na maioria das vezes, entretanto, as mulheres se ocupam de atividades ditas masculinas, realizando tanto o trabalho do lar quanto o trabalho na lavoura, na criação de animais, na ordenha de vacas, entre outras atividades extremamente pesadas. Mesmo que autores, como Hirata e Kergoat (2007), afirmem que a característica da divisão generificada do trabalho é do homem para as atividades produtivas e da mulher para as reprodutivas, no meio rural estudado as atividades podem ser realizadas concomitantemente. A agricultura, em suma, é uma atividade produtiva e caracterizada como uma atividade masculina.

O registro a seguir tomamos como uma memória do presente, que expressa e simboliza um

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

discurso próprio do trabalho da mulher no meio rural. Como propõe a teoria foucaultiana, esta imagem nos ajuda a refletir sobre os discursos. Com isso, a imagem carrega um discurso e enuncia a produção de silagem, alimento à base de milho usado para alimentar o gado, e que, mesmo sendo um trabalho produtivo, conta com o efetivo trabalho da mulher.

Figura 1: PrintScreen do Facebook



Fonte: Facebook.

A mulher que está trabalhando e posicionada ao centro das imagens é a responsável pela publicação na rede social virtual *Facebook*, que tem como enunciado: “Depois de 3 dias de muito serviço silagem pronta!” Do conjunto de 14 fotografias publicadas na linha de tempo, 4 são possíveis visualizar ao correr dos olhos e as outras 10 precisam ser abertas. Observamos que aparecem alguns equipamentos como o trator e o carretão, que são manuseados, normalmente, pelos homens. À mulher, nessas imagens, cabe o trabalho com equipamentos como enxadas, foices, pás e outros menores, que envolvem grande esforço físico, justificando o enunciado usado para as fotos.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

O enunciado da imagem – “muito serviço” – mostra que a consecução de alimento para o gado, que posteriormente produzirá o leite, não é nada fácil e exige muito esforço, em um ciclo de tarefas que nunca terminam. Ou seja, ela atua desde a plantação do milho, da produção da silagem, como é mostrada, do trato dos animais, da ordenha das vacas, da venda do leite, e assim por diante, para ter o retorno financeiro, este na maioria das vezes gerido pelo homem, mas que, neste trabalho, envolveu a mulher diariamente. Visto que produção agrícola é a maior fonte de renda na propriedade e é produzida pelo homem; logo, ele é o detentor do “dinheiro grande” e o tomador de decisões.

Para Siliprandi (2011, p. 175), “as mulheres agricultoras ainda são invisibilizadas como trabalhadoras e como cidadãs”. Para a autora, o trabalho das mulheres é “considerado apenas uma ajuda dentro da família, enquanto o homem é considerado como o verdadeiro produtor rural”. Na maioria das vezes, para as mulheres, os “seus conhecimentos e experiências são menosprezados; a representação pública da família é outorgada ao homem, permanecendo as mulheres restritas ao mundo doméstico” (SILIPRANDI, 2011, p. 175).

Dentro das famílias, é evidente a sobrecarga de trabalho da mulher, pelo acúmulo das tarefas domésticas e agrícolas; além disso, muitas vezes, realizam atividades extras para obtenção de renda, tais como lavagem de roupas, venda de artesanatos, transformação de produtos (industrialização caseira de pães, doces, conservas) etc.. Na concepção de Perrot (2007, p. 114),

O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, e na vida das mulheres é um peso nos ombros, pois é de responsabilidade delas. É um peso na sua identidade: a mulher geralmente é a dona da casa. O trabalho doméstico resiste às evoluções igualitárias. Praticamente neste trabalho, as tarefas são pouco compartilhadas entre homens e mulheres. O trabalho é invisível, fluido elástico, é um trabalho físico, que depende do corpo, pouco qualificado e pouco mecanizado apesar das mudanças contemporâneas no Brasil. O pano, a pá, a vassoura, o esfregão continuam a serem instrumentos mais constantes.

Em consonância com o que Perrot (2007) afirma, as mulheres pesquisadas, responsáveis pelos registros de suas memórias na rede social virtual *Facebook*, fazem um trabalho de divulgação de um trabalho considerado invisível. Se pensarmos que as imagens que as mulheres publicam são do cotidiano publicizado, não precisaríamos pensar no esquecimento, porque são vivenciadas no seu dia a dia no meio rural, podendo ser refeitas a qualquer momento. Mesmo assim, são imagens que tomam conta das nossas memórias; são as do trabalho que dignifica, dá um lugar. Neste sentido, além da memória e do esquecimento, dá visibilidade para pensar na necessidade de ser visto, de existir. Assim, as mulheres estariam, ao publicar e tornar acessível parte de suas vivências no meio rural, externando suas impressões e leituras do seu dia-a-dia, para registrar e marcar o tempo presente.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Nunca antes tínhamos disponíveis tantas informações como em nosso tempo, ou seja, “um excesso de produção de instantâneos do nosso cotidiano” (HENRIQUES, 2014, p. 63). As memórias do tempo presente permitem tomarmos conhecimento sobre os eventos cotidianos das mulheres pesquisadas. Na concepção de Henriques (2014, p. 58), “as narrativas registradas nas redes sociais seriam mosaicos que possibilitam uma leitura da memória social através das junções de seus vários pedaços”. Neste caso, juntar as narrativas nos permite fazer leituras de algumas vivências das mulheres camponesas do município de Jóia/RS. O aumento da visualidade do que se produz na agricultura, com o que se trabalha, ocorre a partir das redes sociais virtuais.

A memória a partir das redes sociais virtuais assumiu novas proporções como já apontamos. Na concepção de Henriques e Dodebei (2013, p. 258), “podemos dizer que os processos de memorização e rememoração continuam os mesmos de outros tempos, mas que hoje existem ferramentas com as quais as pessoas trabalham os registros e que modificam os tempos da memória”; tempos que fazem com que a cada instante surjam novas memórias do cotidiano transformando a rede social virtual em um emaranhado delas.

Vivemos em plena reconfiguração do tempo presente, por intermédio de uma memória que nunca esteve tão viva e em permanente atualização (CUNHA, 2011, p. 113, 114). Com esse pensamento podemos ir além, concluindo: “é nesse cenário – em que a ameaça do esquecimento se mostra constante – com uma inegável epidemia de memória” (RENDEIRO, 2015 p. 22). Considerando o acúmulo de memórias nas redes sociais como uma epidemia, nada mais justo acrescentar nessas memórias que circulam parte do que as mulheres do meio rural de Jóia/RS vivem no seu cotidiano. A rede social virtual Facebook, segundo Rendeiro (2015, p. 87), estaria

nesse caso a serviço de uma comunicação imediata – vistas, descartadas e consumidas em uma espécie de memória do tempo presente – registramos que álbuns são formados, ganhando existência como arquivos efêmeros que acompanham e destacam o ir e vir dos usuários – ressaltando que diferentes aplicativos se encarregam de mantê-los em circulação, no princípio ativo do registro: “olhem o que estamos fazendo agora”.

Para Rendeiro (2015, p. 28), a rede social virtual *Facebook* “parece dar eco à vontade de preservar os instantes, as imagens e os restos que se somam na aceleração contemporânea, na ânsia de marcar a si mesmo e escapar do esquecimento”. As memórias do presente são os instantes que estão sendo vivenciados e experienciados pelas mulheres e jogados na rede.

Considerações finais

As mulheres continuam fazendo atividades agrícolas tradicionais e atividades domésticas, o que dificulta a entrada em um processo de mudança e desenvolvimento. A História que contamos aqui é do presente, porém tradições se mantêm por muitos anos, principalmente na organização do

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

trabalho. As mulheres pesquisadas, responsáveis pelos registros de suas memórias na rede social virtual *Facebook*, fazem a divulgação de um trabalho considerado invisível. Todos sabemos que o trabalho doméstico é sempre realizado por elas e, além disso, investem boa parte do seu tempo no que se chama de “ajuda” ao homem. As memórias, no entanto, quando compartilhadas, mesmo que atinjam um número pequeno de pessoas, se comparadas a discursos que afirmam e naturalizam essas posições, produzem efeitos.

Observamos que as postagens na rede social virtual *Facebook* ajudam a pensar nas questões de gênero. Embora tímidas, sinalizam a possibilidade de transformações futuras. Gênero é um tema devidamente a ser aprofundado, para mostrar as diversas nuances de um contexto brasileiro rural tão diversificado em sua geografia, mas com similaridades que ultrapassam fronteiras e que unem uma diversidade de mulheres adultas, abrindo a discussão para profícuos debates futuros. As mulheres se detêm a publicar imagens de seu cotidiano, da agricultura, dos seus lazeres, das vivências do meio rural, diferentes de estudos que mostram a exposição feminina por meio do *selfie*.^[2] Raramente encontramos nos perfis estudados imagens de *selfies*; o que revela que ao meu ver que elas querem mostrar muito mais que seu corpo ou rosto.

Referências

CUNHA, M. R. A memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

HENRIQUES, R. M. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. 2014. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HENRIQUES, R. M. DODEBEI, V. A virtualização da memória no *Facebook*. **CES Revista**, Juiz de Fora, MG, v. 27, n. 1, jan./dez. 2013.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RENDEIRO, M. E. L. S. **As arestas sociais do facebook**: fotografias, coleções, memória e melancolia. 2015. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

SÁ, A. A Web 2.0 e a meta – memória. SOPCOM – COMUNICAÇÃO E CIDADANIA, 5., 2007, Braga. **Anais...** Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho, 2007.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Disponível em: <<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/view/131/127>>. Acesso em: 8 set. 2016.

SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. **Pensamiento Iberoamericano**, n. 9, 2011.

TEDESCHI, L. A. Meu nome é “ajuda”. A vida cotidiana e as relações de poder, gênero e trabalho das mulheres trabalhadoras rurais na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Revista Contexto & Educação, Ijuí, 2013a, 45-64.

WANDERLEY, M. de N. B. **A ruralidade no Brasil moderno**. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. Buenos Aires, Argentina: Clacso, Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, 2001. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

[1] Tempo esse que pode variar entre dois e seis anos.

[2] Autorretrato.